

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10 000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACITORIAL

J. MIMOSO MOREIRA  
MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(Palácio de Cristal)

▼ (TELEFONE 6580) ▼

Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Porto



# ULTRA

ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

## O Congresso Militar

Pelo Cor. NUNES DA PONTE

Diferentes jornais, entre os quais *O Comércio do Porto* nas suas notas políticas, *O Século* de 11 de Agosto findo num brilhante artigo de fundo e *O Primeiro de Janeiro* de 15 do mesmo mês num outro artigo primoroso firmado pelo Sr. General Norton de Matos, se tem encomiasticamente referido ao 1.º Congresso Militar Colonial, o que nos enche de mais justificada satisfação.

Todas as referências que temos visto focam especialmente o elevado espírito patriótico que de começo ao fim orientou os seus trabalhos, salientando o facto verdadeiramente consolador destes nunca se terem desviado, um momento sequer, do alto pensamento que animou o Congresso, bem definido e expresso no respectivo Regulamento.

Afastada por completo toda a política partidária, absolutamente arredadas, por inoportunas e descabidas, quaisquer preocupações acerca das opiniões ou credos dos inúmeros Congressistas que em tão notável Certame tomaram parte, apenas se cuidou de trabalhar com meticoloso acerto no sentido de os resultados do Congresso, prestigiando as instituições militares, contribuírem para o engrandecimento do País.

E como nenhuma Nação, servida por fraco Exército, pode ser forte, as iniciativas tendentes a valorizar, a fortalecer este Organismo devem merecer sempre o aplauso de todos os bons portugueses.

Ora se é exacto o velho aforismo do povo, tão incisivo e sábio nos seus conceitos, de que *a união faz a força*, em nenhuma organização essa voz popular encontra tão significativo eco como entre o Exército e a Armada.

Efectivamente tais corporações só podem ser eficientes, só logram desempenhar cabalmente a sua nobre missão desde que os seus diferentes elementos se achem ligados pelos laços da mais perfeita disciplina, desde que todos os oficiais graduados e simples soldados se sintam unidos por uma sólida e leal camaradagem.

Quaisquer dissensões no meio militar são sempre altamente prejudiciais. Na paz perturbam-o, agitam-o, diminuindo-lhe a eficácia e o valor; na guerra podem dar motivo ao mais retumbante desastre.

(Continua na 2.ª página)

## A ALMA DOS PRETOS

Pelo Dr. GASPAR BALTAR

A alma dos pretos atrofia-se no culto dos espíritos e no poder da magia.

E' a esta religião — cujo conhecimento é essencial para o conhecimento da raça negra — que muitos chamam animismo, em homenagem, sobretudo, aos espíritos dos mortos que, quando revoltos, só se calmam com rezas e sacrificios, e muitos outros classificam de fetichismo.

A magia ou o fetichismo, que entre os pretos se difunde em feitiços e feiticeiros, é o complemento do paganismo que a propaganda cristã vai derruindo lentamente.

Tenham ou não a mesma origem, os dois cultos não são iguais. Um, é ostensivo, pratica-se à luz do dia; é social. A magia, não: é individual. Mas ambos são inferiores.

Indolente, por herança e meio, o preto tem tempo de sobra para pensar na origem do mundo, na sua directriz, e, ignorando o determinismo que o levaria a agir, confunde, como muitos brancos, o natural com o sobrenatural e várias práticas que os civilizados consideram profanas, o preto julga-as sagradas, como seja a poligamia que o preto supõe um culto prestado aos mortos.

Segundo a crença negra, os espíritos dos mortos espalham-se por toda a parte, porque ela admite que o homem é composto dum corpo mortal e duma alma superior à morte. Nesse outro mundo, não há senão ideias vagas. Ele é menos material, mas, contudo, análogo ao nosso.

Há tribus que pensam que os mortos, são obrigados a cultivar uma terra imaginária no reino das sombras, e, assim, quando um chefe morre, sacrificam-lhe os antigos servos que o dispensarão do trabalho no outro mundo. Aos mortos são devidas homenagens e aos antepassados um culto fervoroso.

A natureza é uma força ou um conjunto de forças cuja essência os pretos não precisam mas que não é semelhante às forças humanas nem à da física. Essa força enlaça-se ou desprende-se de maneira caprichosa e desconhecida, porque o invisível é mais activo do que o visível. Rodeia, prende, penetra. A ela aplica-se a lei da participação.

Assim, as armas de que um



homem se serve conservam algo dos seus braços, e, alcançá-las, é possuir um pouco da sua pessoa. Um nome é mais do que o símbolo dum indivíduo: é a sua própria emanação, e, pronunciando-o, pode-se impregná-lo de malefícios.

Só a mulher deve cultivar a terra, porque só ela lhe pode comunicar a fecundidade que lhe é privativa.

Que significa a fé nestas crenças e noutas equivalentes, segundo as tribus em que imperam? Que o preto, sem ou quasi sem evolução, carece duma consciência, duma personalidade, isto é, de instrução. Bem fizeram, pois, os promotores da I Exposição Colonial Portuguesa, proporcionando aos nossos colonos o contacto com uma civilização, que está longe de ser perfeita, mas que representa já qualquer coisa de maravilhoso no campo do progresso.

A alma negra é estática, custa a desenvolver-se. Vive de crenças extravagantes e ritos absurdos, vários e complicados como várias são as tribus. Nalgumas não se presta culto a Deus, porque, muito distante, a Ele não chegam as orações e os incensos. E' aos espíritos, e sobretudo aos espíritos dos mortos, que o culto, sem templo nem sacerdote, deve ser prestado, porque esses espíritos são os que estão mais perto da terra e, em lugar incerto, carecem dos que vivem, porque, guardando lembrança das faltas terrestres, sem orações podiam sofrer ou vingar-se. Este culto não deixa traços aparentes. E' íntimo, é familiar, é a necessidade da benção para os principais actos da vida: nascimento, circuncisão, casamento e morte.

Na família, os defuntos estão compreendidos, e o celebrante supremo — o fetiche não é mais do que um conselheiro técnico — não pode ser senão o patriarca, porque é quem melhor representa os vivos e quem mais próximo está dos antepassados.

Como se vê, para o preto, a religião não se forma acima da vida, o que a torna inferior, embora o preto seja de todos os seres o mais religioso.

(Continua na 2.ª página)

## D. João de Castro

Pelo Dr. ANTÓNIO BARRADAS

Quando em 24 de Julho último tive de pronunciar algumas palavras elucidativas do significado da data que então se comemorava na Exposição Colonial Portuguesa — *O Dia de Lourenço Marques, o Dia de Moçambique* — disse eu:

«Não muitos anos depois que Vasco da Gama aportou a Inhambane, a Moçambique e a Quelimane, em 1498, e que Pêro de Anaiá, primeiro capitão da colónia, entrou a boca do rio de Sofala, em 1505, começaram os pioneiros da colonização portuguesa a fazer reparo numa vasta baía situada entre Inhambane e a costa do Natal, a qual se chamava, ao que parece, Baía da Boa Paz ou Baía da Boa Morte. Também lhe chamaram Baía Formosa e Baía da Alagoa até que um certo Lourenço Marques aí se veio estabelecer por volta de 1544. Foi neste ano ao menos que o rei D. João III mandou construir uma feitoria-fortaleza na margem direita do estuário do Espírito Santo, onde se efectuava o resgate do marfim. Nesse mesmo ano, por ordem de D. João III, a Baía da Lagoa passou a ser designada por Baía ou Rio de Lourenço Marques.

Começava o comércio...»

Já depois de escritas e pronunciadas estas palavras reflecti que me teria sido asado o ensejo para demonstrar como os nossos direitos àquela Baía se firmavam não só na sua fortificação e no tráfico que se fez a partir de 1544, mas ainda na exploração científica, praticada alguns anos antes, em 1538.

Deve-se essa exploração de carácter científico a uma das mais nobres figuras da nossa história quinhentista, o grande D. João de Castro, — *Castro forte*, como lhe chamou Camões, — o herói do cerco de Diu, o vice-rei da Índia nobre e honrado, que veio a morrer sem ter em casa dinheiro bastante para se comprar uma galinha.

Ficou proverbial a sua honradez, as suas *barbas honradas*. E' conhecido o lance: Como os baluartes da fortaleza de Diu tivessem ficado em ruínas depois que D. João de

(Continua na 2.ª página)

# D. João de Castro A ALMA DOS PRETOS O Congresso Militar

(Continuação da 1.ª página)

Castro, em 1546, com um pequeno exército, acudiu em socorro de Diu e pôs em fuga os quarenta mil turcos que assediavam a praça, intentou o vice-rei reedificar a fortaleza; como não pudesse dispor dos trinta mil pardaus que custava a reconstrução, resolveu escrever aos vereadores de Goa a pedir-lhes de empréstimo aquela soma; dentro da carta mandou-lhes como penhor um punhado das suas barbas; os vereadores devolveram as barbas e emprestaram a quantia.

Pois este D. João de Castro, antes de se manifestar guerreiro intrepido e administrador honrado, já se tinha revelado homem de ciência ilustre, a quem se devem os *Roteiros — de Goa a Suez, de Goa a Diu, de Lisboa a Goa*, cheios de interessantes observações sobre hidrografia, meteorologia e arte de navegar. Os dados sobre declinação magnética colheu-os ele quasi todos na Baía que se havia de chamar de Lourenço Marques. Tinha então 38 anos, pois D. João de Castro nasceu em 1500 e veio a falecer em 1548.

Ainda não há muitos anos que dois oficiais da nossa marinha, homens de ciência também, o lembravam. Numa memória publicada em 1925 em Lourenço Marques, pelo Observatório Campos Rodrigues — *Valores dos elementos do magnetismo terrestre na Província de Moçambique*, coligidos e observados por J. Alves, da Fonseca e J. Simões Vaz — diz-se:

«Mas porque nos parece que na África do Sul estão, de há muito, esquecidos os trabalhos dos navegadores portugueses do século XVI, não deixaremos de apresentar a carta marítima que acompanha o *Roteiro de Lisboa a Goa*, por D. João de Castro, em que se vêem, pela frequência das determinações dos valores da declinação magnética, em toda a derrota, o cuidadoso saber e o método científico desse grande navegador, discípulo dilecto do célebre matemático Pedro Nunes, cosmógrafo do rei D. João III.

Foram estes valores determinados no ano de 1538, nas datas e nos lugares que a carta indica, tendo-se servido D. João de Castro das agulhas de bordo e do «instrumento de sombras» inventado por Pedro Nunes em 1537 e que vem descrito no roteiro referido.

«Digamos, ainda, que D. João de Castro seguiu na armada que de Lisboa saiu em 6 de Abril de 1538 para a Índia a fim de resolver na prática vários problemas de navegação e principalmente proceder ao estudo da variação da agulha magnética, seguindo os métodos de Pedro Nunes, num serviço completa e cientificamente organizado, e, finalmente, que foi nesta viagem que D. João de Castro demonstrou, em definitivo, que a variação das agulhas não corresponde à «diferença dos meridianos», acabando, de vez, com as falsas determinações da longitude pela «variação da agulha magnética», e verificou o «desvio das agulhas magnéticas» devido à influência do ferro de bordo (29 de Maio de 1538).

O Dr. Manuel Peres, director do Observatório, no prefácio que

(Continuação da 1.ª página)

Os conselhos e as determinações dos espíritos, para muitos pretos, são a felicidade e, acatando-os, é agir bem. Contudo, esses conselhos e determinações não traduzem uma aspiração superior, são somente a conformidade com a matéria: dizem apenas se sim ou não o acto se deve praticar. Não tem ideal e a moral é estática, isto é, a negação do progresso, porque as superstições que assim se sustentam formam o poder do absurdo; elas são a própria magia.

O preto tem a lógica especial da criança: desejos insaciáveis, instabilidade perpétua, vaidade ingénua, generosidade espontânea e uma confiança que se cria com a mesma facilidade com que se perde.

Ele precisa de ser conduzido e educado.

Mesmo nas tribus que alguns dizem comunistas, a concepção do comunismo não é uma força, como pretendem os comunistas brancos, mas um servilismo ao passado. Sem dúvida, o solo, e melhor ainda a floresta, pertencem a todos e os seus pro-

ductos por todos são distribuídos. Igualmente, se um membro do grupo consegue um rendimento especial, vê-se obrigado a distribuí-lo.

Mas, assim, com a confusão da cultura causada pela liberdade de todos trabalharem a mesma terra e semeá-la à sua vontade, em vez de se formar uma propriedade comum é uma ausência de propriedade a que se cria. Tudo isto prova a necessidade duma disciplina, duma ilustração, duma consciência.

Só assim é possível refrear os desejos insaciáveis do preto, calmar a sua instabilidade constante, modificar a sua vaidade ridícula, valorizar a sua generosidade espontânea e ensinar-lhe a ter confiança em quem a merece. Emfim, urge prosseguir no esforço de que a I Exposição Colonial Portuguesa é testemunho brilhante e transformar a matéria que é ainda hoje o preto num ser social de cultura e elevação, aproveitando a essência da sua própria raça.

GASPAR BALTAR.



Pavilhão da Companhia de Moçambique no PALÁCIO DAS COLÓNIAS — Diorama da ponte sobre o Zambeze

(Continuação da 1.ª página)

E para o cumprimento do dever primordial que ao Exército incumbe — a defesa da Pátria — não é com certeza exigido aos seus componentes o seguimento de determinada opinião política ou confissão religiosa. Apenas se pretende e requer que o mesmo espírito patriótico a todos insufla, acalente e anime.

Sob este ponto de vista o fim almejado do Congresso foi portanto plenamente atingido.

Mas além de ter desta forma corrido certamente para o estreitamento dos laços entre a família militar, estudou e discutiu um certo número de teses, muito interessantes algumas, a que a Imprensa diária deu larga publicidade e cujos votos finais foram enviados às estâncias competentes que sobre eles se pronunciarão sem dúvida da forma mais criteriosa e conveniente.

Trabalhou-se pois exclusivamente na mira de valorizar o Império Colonial por meio de um estudo cuidadoso e atento acerca da sua melhor defesa, em todas as eventualidades que possam surgir.

Assim a Exposição Colonial Portuguesa que tão relevantes serviços tem prestado, valorizando o País perante as nações estrangeiras e tornando lembradas, conhecidas e apreciadas as nossas Colónias — infelizmente até há pouco esquecidas de muitos portugueses — pode orgulhar-se de ter conseguido reunir, numa brilhante Assembleia, avultado número de oficiais do Exército e da Armada, norteados todos pelo mesmo nobre e dignificante sentimento: o engrandecimento da Pátria por uma mais eficiente defesa do Império.

NUNES DA PONTE,  
Coronel.

## CORTEJO COLONIAL

Convite aos Colonos

A Direcção da Exposição pede a todos aqueles que exerceram a sua actividade no Ultramar para se inscreverem no cortejo colonial que a 30 do corrente mês se vai efectuar, com todo o brilho e carácter, para fecho do grandioso Certame.

As adesões devem ser enviadas ao sr. Secretário-geral da Exposição, no Palácio das Colónias.

faz ao livro citado, diz, referindo-se aos autores:

«Fazem recuar de cinquenta e sete anos a data de the earliest recorded observation of a magnetic element in this part of the world» que o Prof. Sir John Beattie indica ao citar as observações de C. Houtman em 1595.

As observações de D. João de Castro, que aos portugueses trouxeram a glória do início destes estudos no hemisfério austral, constituem, com os meios de que então se dispunha, um trabalho executado segundo um plano em que se adoptaram as normas e preceitos que hoje se adoptam.

ANTÓNIO BARRADAS.

# O Apostolado de "Diogo Cão"



Ao regressar da primeira viagem de reconhecimento da Costa Africana, apresentava Diogo Cão a mais soberana indiferença pelos modos de agrado e benefícios com que D. João II o acolhera.

Nada o preocupava fora da sua palavra empenhada à saída do rio Zaire, de que ali voltaria quinze luas passadas.

E quando por carta dada em Santarém, El-Rei lhe concedeu o título de nobre de cota de armas em especial pelos serviços prestados na Guiné como «trabalho da augmentação da nossa Santa Fé e acrescentamento de nossos reinos», agradeceu apenas requerendo o consentimento do monarca para não faltar ao seu compromisso.

Com o fim principal de fazer triunfar o cristianismo naqueles povos, encetara já negociações amigáveis com o Rei do Congo. Mas era preciso também cimentá-las.

Para isso, tinha enviado a mais de trinta leguas pelo sertão, os portugueses mais competentes que trazia para bem desempenhar a missão da entrega dum presente do Rei de Portugal, ao rei indígena.

Acompanhados por naturais da terra, que ali andavam mansos e confiados, pelas margens bastante povoadas do rio, — lá se afoitaram seguidos dum negro esperto que nas suas visitas constantes aos navios aprendera bem português e pedira o baptismo.

Entretanto Diogo Cão escolhia quatro negros para trazer ao reino, deixando em retens os seus homens, que devido à demora que tiveram no interior, não tornou a ver antes de voltar à metrópole.

Tardava-lhes portanto resgatá-los e restituir os pretos bem paramentados e, de

tempestades, sem perder nunca de vista o céu!...

A-pesar do seu máximo esforço, para proceder por si só, D. João II não conseguiria jamais libertar-se em absoluto da máscara de falsa dedicação da nobreza intrigante.

E abençoando o bem estar da sua maravilhosa liberdade, Diogo Cão sentiu que a sua alma se apiedava grandemente de quantos viviam encarcerados em esplendores, envenenados pela ambição sem conhecer nunca as alegrias cristãs da pobreza voluntária.

Ao chegar junto do soberano e feita a devida reverência, o esclarecido navegador disse em voz pausada mas firme:

— Alteza, estais de-certo lembrado que aos discipulos que rogavam Jesus dizendo:

«Mestre, come», responderam aquele que segundo S. João, é a luz que alumia todo o homem que vem a este mundo:

tentamento do rei prêto atingiu o delírio foi quando viu que lhe restituíam os negros que se não cansavam de elogiar o bom acolhimento que lhes fizera o rei D. João II.

Desvanecido com as deferências da gente de Portugal, o rei do Congo procurava obsecrar à sua maneira toda a Embaixada.

Mas vendo já entabuladas as negociações comerciais, Diogo Cão preparou-se para deixar ali as outras naus e seguir bordejando mais ao Sul numa embarcação costeira. Estava ainda em terra quando o inquietaram os gritos de uma criança que pedia socorro.

O pequenito prêto que ele logo reconheceu como o que alguns serviços lhe prestara quando da sua primeira viagem, correu prontamente para ele refugiando-lhe nos braços.

E ofegante, implorava que o escondessem, explicando que o príncipe Panso Aquitino (9) o mandara perseguir para o matar.

— De que te acusa elle?, interrogou Diogo Cão.

— De fazer o sinal da Cruz. Diz que

Também lhe mandava cartas dando parte da decisão que formara de abraçar o cristianismo, e, onde dizia mais que, precisando de sacerdotes que lhe doutrinassem o povo e de operários que lhe construissem igrejas, fazia apêlo ao mui poderoso rei de Portugal.

Determinou ainda que viessem na expedição, muitos dos seus mais estimados e melhores subditos, para se baptizarem e instruírem.

Diogo Cão quis também trazer o pretinho que protegera.

Mas ée opôs-se a deixar a Mãe.

Precisava defendê-la do irmão mais velho, que lhe batia muito.

De volta ao reino, com a paz na consciência, e a íntima felicidade dos serviços prestados a Deus e ao Rei, espelhando-se-lhe no olhar sereno e vivo, Diogo Cão acalentava um sonho; escusar-se às maiores honras com o que festejava D. João II, — por tristeza da cobiça que excitavam.

Invocando a estima do soberano que prezava acima de todos os outros favores reais, o maior colonizador de então, pediu a El-Rei seu amo e Senhor, que o autorizasse a retirar-se à vida simples e ignorada.

E pela humildade da sua fé religiosa, conseguiu assim, nunca mais haver dêle Notícia a História.

Não pôde contudo evitar que o moço negro a quem um dia salvara da ira de um



Desenho de José Leite



Desenho de José Leite

forma a que a sua volta inspirasse agradável impressão ao rei daqueles estados.

E sempre de olhos postos em Deus, desejava ardentemente prosseguir nos sacrificios do apostolado que empreendera.

Prontamente deferiu El-Rei a sua petição, nomeando-o comandante em chefe da armada que ia tentar novos cometimentos, e, louvando mesmo a medida diplomática da restituição dos pretos que não de-prêssa iam assimilando a religião e a língua.

Mas antes da partida lhe fez constar a sua mágnã pelo desprendimento com que lhe aceitara os seus favores, sobretudo o mais importante, que fôra o de o separar do número do plebeu.

Dava assim mostras duma ingratidão desmedida ou duma ambição intocerável?

Tendo conhecimento de que era mal interpretada a sua simplicidade, achou Diogo Cão por algum tempo ainda a largada da frota, para se defender das calúnias que lhe estavam sendo fomentadas junto de El-Rei.

E transpando a porta do Paço, pareceu mais nobre ainda a quem o via, a sua cabeça aureolada pelo embranquecimento prematuro (1).

A' medida que os seus passos iam avançando, mais baixas lhe pareciam as abóbodas dos tetos, e mais asfixiante sentia a atmosfera pesada das salas forradas de colgaduras ricas, e das trações miseráveis dos palácios felinos.

Quanto mais divina lhe parecia a luxuriante paisagem da selva africana, e quanto mais seguro caminho para Deus, era navegar nos mares ao sabor do vento e das

«Eu tenho um manjar para comer que Vós não sabeis.»

«Assim altíssimo Rei de Portugal, a minha resposta para os que vos apouquentarem com o meu desdém pelas graças de que me cumulais, é a mesma que teve o Senhor para os que o interrogavam:

«O meu comer é fazer a vontade de quem me enviou e cumprir a sua Obra.»

«Muito me orgulha a vossa recompensa do meu esforço, porém o meu dever não é ageitar a vida a bem govir dois penhascos em campo verde onde as colunas de prata acabariam por se desmoronar vindo-me deitado à sua sombra.

«Há que seguir a Cruz afrontando as lutas com o mar e com os indígenas da côr do azeviche, há que servir lealmente a Nosso Senhor Jesus Cristo e a El-Rei de Portugal.»

E respondeu El-Rei:

— Ide com o meu muito saúdar, caminhante infatigável que sois, da Lei do Senhor.

«Portugal ficará cheio da vossa glória, porque a nobreza humana vos pareceu mesquinha e mais alto erguestes em divina humildade, o sentimento da nossa Fé.»

Partiram finalmente demandando o rumo do Zaire as Caravelas de Diogo Cão.

Levavam Embaixador e ordens de assentar comércio e amizade com o rei do novo Estado descoberto. N'ganga-a-Cium (2) recebeu os portugueses com estranhas mostras de entusiasmo e alegria. Mas quando o con-

hã-de ser elle o rei e quer correr de cá essa religião.

E o negro chorava.

O bondoso navegador português pousou brandamente a mão no ombro magro que os soluços sacudiam dizendo a sorrir:

— E's pequeno demais para mártir do Cristianismo. Vem comigo (4).

E levou-o como língua.

Navegaram tranqüilamente pela costa, desembarcando apenas para assentamento de pilares de pedra, ou para gravar a Cruz (que atestava a passagem dos filhos de Portugal), nas rochas sobranceiras ao Zaire, que iam fendendo a cinzel.

Ajudando-se sempre, e enquanto trabalhavam, contou o prêto pequeno, que o nome do rio não era Zaire, mas N'Zadi, que é o mesmo que dizer águas profundas ou o sitio onde as águas se juntam.

Os portugueses recolheram curiosamente a informação.

Em memória de Moisés a quem o Senhor falando do azeviche recomendou que se descalçasse (5) por reverência da terra Santa onde estava, o mesmo ia fazendo Diogo Cão, à medida que pisava primeiro que todos, o que era acrescentamento do território português.

Quando voltou ao Congo, entregou-lhe N'ganga-a-Cium um Embaixador Cacuta (que depois de baptizado tomou o nome de João) com dádivas para o rei português, que constavam de alguns dentes de elefantes e cobertas feitas de folhas de palmeira.

(1) Hist. Port., Pinheiro Chagas.

(2) Línguas: o mesmo que interprete.

(3) Padre Diogo de Paiva de Andrade, Exerc. da Vida Cristã, Cap. XI.

(4) Dic. Hist. Portugal, vol. II.

## Exposição de fotografias coloniais

No Salão de Festas do Palácio das Colónias inaugurou-se em 29 de Agosto uma larga e interessantíssima exposição de fotografias coloniais, que abrange paisagem, urbanização e tipos de raças indígenas, em curiosos aspectos.

No referido salão estão em exposição, também, as maquetes dos monumentos dos Padrões da Grande Guerra a erguer em Luanda e Lourenço Marques e cabeças, em escultura, de vários espécimes de raças de indígenas do Ultramar.

Expõem excelentes fotografias os srs. Dr. Abel Pratas, de Angola; D. Beatriz Frias, do Pôrto; Mário Cardoso, de Lisboa; Dr. António Lebre, de Aveiro; Benamor Lopes, da Beira; Santos Fonseca, do Pôrto; Dr. Cunha e Costa, de Angola; Dr. Almeida de Eça, de Angola; Edgar da Costa Reis, de Angola; David de Abreu, de Angola; Professor Maximino Corrêa, de Coimbra; Francisco de Oliveira, de Lisboa; Francisco Viana, do Pôrto; Neves Catela, de Macau e Angelo Ferreira.

Organizou a exposição o sr. dr. Almeida de Eça, illustre delegado da Colónia de Angola à Exposição.

(1) ...Cão (do latim Canis) promotor e hereditário encanecimento do cabelo. Sec. Cordeiro, Desc. e desc. com mais citações de Pedrosa e dos triânicos da nobreza lusitana.

Não esquecer os cooperadores, especialmente os mais modestos, é um dever cristão de que nos vamos desempenhar, nesta altura de franco sucesso da Exposição Colonial do Pôrto, sem favor, o acontecimento do ano decorrente.

E fazemo-lo animados de praticar um acto de merecida justiça, pois a extensão dos serviços que



Escultores Sousa Caldas

prestaram (e estão ainda prestando), muito contribuíram para o resultado do certame.

Uma das suas grandes atracções é sem dúvida a iluminação, profusa, bem distribuída e montada com preceitos modernos. Foi concessionária a firma Carlos dos Santos, L.da, mas director da montagem o engenheiro civil sr. João Fernando Machado Gouveia, que durante alguns meses, modesta, mas proficientemente, auxiliado pelos seus operários, de que destacaremos António Lopes, estabeleceu e distribuiu toda a aparelhagem iluminante. Devem-se-lhe os efeitos obtidos com as sancas, os refletores, os tubos e torres luminosas. As fontes, principalmente a do lago grande, exigiram paciente afinação e não dispensam ainda hoje permanente assistência, dado o seu funcionamento complicado.

Pertence aos serviços de electricidade do município a instalação da rede subterrânea, em substituição da aérea, que existiu muitos anos nos jardins do Palácio com os seus inestéticos postes, e a montagem dos transformadores, com as respectivas «cabines» distribuição, trabalho de carácter definitivo, não isento de responsabilidades e de que se desempenhou muito bem o pessoal sob a direcção do engenheiro sr. Ezequiel de Campos.

Tarefa intensa, absolutamente coroada de êxito, foi também a de reconstituição dos jardins do Palácio, que rejuvenesceram nas mãos dos jardineiros da Câmara Municipal do Pôrto, sob a direcção do mestre sr. Albino Santos. Os canteiros em volta do monumento ao esforço colonizador portugueses, no típico e artístico mosaico de plantas e flores de variadas cores; a restauração dos maciços de verdura e dos taboleiros de relva; a disposição de novas plantas; a renovação das estufas com os espé-



Domico de Castro, autor dos Monumentos da Exposição cimes da flora tropical cedidos pelo Jardim Colonial de Lisboa — são obra paciente desses bons operários, algumas vezes reconhecida e zelosamente conservada através dos estragos inevitáveis das aglomerações de visitantes em dias ou noites de grande afluência.

Mas em muitos outros trabalhos e comissões de serviço se manifestou esse desejo de colaboração. O caso da curadoria dos naturais das colónias é um deles, porque desde o seu acolhimento até à hora da partida, exige desvelos, cuidados e um tacto especiais. A missão tornou-se complicada pela diversidade de raças e categoria social dos naturais. O tratamento dispensado ao negro boçal não pode ser o mesmo atribuído ao indígena já civilizado. Como se sabe, na Exposição reuniram-se naturais das nossas colónias de várias classes de civilização, alguns até com categorias que exigem atenções — para prestígio da nossa acção colonizadora. A alimentação, a disciplina, a hygiene de cerca de 150 hóspedes require uma mecânica e conhecimentos especiais, sobretudo de antiguo trato com indígenas, como sucede com Moura Coutinho, a quem este encargo foi cometido e no qual tem sido muito auxiliado por Jorge Fiteiro.

Paralelamente oferece-se fazer justiça aos que contribuíram, com o seu zelo e dedicação, para tornar o «Pôrto de Socorros» um dos mais simpáticos sectores da Exposição. Instalado numa casa tipo desmontável da Companhia Portuguesa de Madeiras, guarnecida com mobília e material sanitário da acreditada casa «Sanitas», tem sido superiormente dirigido pelos médicos srs. Flores Loureiro, Maia Romão e Oliva Teles. Duas senhoras, a médica D. Zulmira dos Santos Pereira e a enfermeira D. Helena Guimarães concedem-lhe uma assistência invulgar, desempenhando-se dessa carinhosa missão com proficiência e evangélica paciência. Mas não tem sido somente os naturais das colónias os assistidos da sua solicitude; diariamente recorrem ao posto empregados e pessoal ao serviço da Exposição, além dos visitantes que sofrem acidentes por qualquer motivo.

Pela primeira vez, num certame nacional, se instalou e lêz funcionar uma organização desta natureza. Mas ela não teria a eficiência e a extensão que tem, se

não fosse a atitude dos colaboradores que citamos.

Obteve também a direcção da Exposição a instalação duma Estação de correios e telégrafos. Muito se interessou pela sua montagem o zeloso inspector telégrafo-postal sr. Leopoldino Mário da Graça Abel e excelente auxilio estão prestando as senhoras que na mesma estação servem e atendem o público, muito bem impressionado com esta comodidade que lhe foi proporcionada.

Digno de apreço e de elogio é também o serviço de policia e dos bombeiros municipais. Estão montados, igualmente, no recinto da Exposição, uma esquadra de Policia e uma Estação de Socorros a incendios. São valiosos os serviços de vigilância destas duas corporações e cada bombeiro e cada guarda — cooperadores anónimos tem jus do reconhecimento público e dos organizadores do certame. Vem a propósito lembrar que a guarda nocturna dos mostruários é cometida aos bombeiros; e o que representa o serviço de vigilância no recinto da Exposição em ocasiões, tão frequentes, em que as bilheteiras registam dez, doze, quinze, vinte mil entradas, não incluindo os visitantes que entram sem pagar, o pessoal dos pavilhões e dos stands, engrossando a multidão frequentadora do certame, correntemente refinando muitos milhares de pessoas.

Pois o registo da esquadra tem dias e dias em branco, sem um registo de ocorrências, mercê da

# Os cooperadores ignorados da Exposição



sal que representa, dentro do curto período de seis meses e executado com parcimoniosas dotações. Já a imprensa se referiu por várias vezes, aos chefes de serviços e aos artistas que dirigiram e executaram as várias particulas deste conjunto, que todos dizem ser muito apreciável.

Mas como dos cooperadores ignorados nos ocupamos, especialmente, a alguns não citados vamos fazer referência.

Começamos por esse tremendo encargo, da recepção de volumes e mostruários. Dele foi encarregado o funcionário da Agência Geral das Colónias, Amândio Silva, antigo cooperador das exposições de Sevilha, de Antuérpia, de Vigo, da Industrial de Lisboa e das Feiras de Amostras Coloniais. Só com muito esforço e uma grande prática se podia atender a tão complicado mecanismo. O número de volumes é superior a 4.000 e as suas origens as mais variadas: de Lisboa, da costa ocidental e oriental de Africa, da India, de Macau, de Timor. O seu conteúdo tem de ser conferido e inventariado. É necessário conhecer bem as proveniências officiais e particulares, etiquetar, classificar e arrecadar as taras, para fazer mais tarde o retorno. Além deste serviço Amândio Silva tem a seu cargo a chefia dos depósitos.

Nenhum navio pode ter marcha regular sem um bom funcionamento de caldeiras. Quando uma exposição se põe em marcha, antes

e a disposições regulamentares, que tem de fazer-se observar e respeitar, constitue tarefa nem sempre isenta de dissabores pela conhecida tendência nacional de não cumprir o estatuído.

Pela primeira vez — e isso perturbou muita gente — uma parte da Exposição foi montada pela sua direcção. A evolução desta modalidade de propaganda quando não é feita por curiosos já não admite os processos velhos do expositor que se inscreve e manda fazer a qualquer pessoa numa vitrine onde expõe o mostruário ou um pavilhão onde arruma os trastes, as ferramentas e as garrafas de vinhos. Hoje os salões onde se agrupam as representações exigem decoração apropriada, referências estatísticas, motivos que deem ambiente ao que nêles se expõe e lhes tire o aspecto de secções de armazéns género Grandela, L.da. Os observadores do certame do Pôrto que o não queiram reconhecer tem hoje, para os convencer, o confronto entre as duas naves laterais do Palácio. Na das Colónias os expositores subordinaram-se ao critério da direcção técnica; na dos exportadores nacionais a escolha dos stands foi de iniciativa dos expositores. Estes gastaram dez vezes mais do que os outros e não lograram obter o resultado dos coloniais, embora os salões tivessem sido decorados por idêntico processo.

Foram bastantes os operários que nessas adaptações trabalharam, com um interesse que lhes valorizou a competência. Mestre Raúl Vaz, marceneiro ao serviço da Agência Geral das Colónias, também dos experimentados em exposições, multiplicou os seus conhecimentos de bom artista português, orientando a manufactura das dezenas de móveis e armações.

Mestre Carneiro, ao seu lado, completou esse esforço, de muito servindo a sua prática, em obras semelhantes no Palácio, onde servia há anos.

Outro mestre operário, já distinguido e condecorado pelo Governo, foi o pedreiro Joaquim Bar-

bosa, a cuja experiência muito devem os serviços técnicos, sempre pronto a dar o exemplo da assiduidade e da dedicação.

Longa seria a lista de todos os outros colaboradores. Ocorre-nos ainda os nomes de Costa Mota, David Marques, Mário de Almeida, Ferreira da Silva e Ferreira da Costa, autores de gráficos, diagramas e cartas em vidro, do cenógrafo Oliveira e Roberto Santos, cujos nomes merece repetir, de Abot Costa, que desenhou os planiférios luminosos, dos fotografos Mário Cardoso e Alvão, que executaram artísticas reproduções e ampliações, por vezes de muito maus originais.

Nos serviços de secretaria, intensos, muitas vezes sem horário, há ainda prestantes colaboradores — nessa ingrata missão burocrática a que só os chefes dão atenção pela regularidade e método como são executados.

Ficam para o fim três nomes



Engenheiro João F. Machado Gouveia, que dirigiu a montagem da instalação eléctrica

posição Colonial, congratula-se por trazer esse esforço para a publicidade.

## Homenagem aos Mortos da Grande Guerra

A 5.ª Companhia de Infantaria Indígena de Moçambique (Landini e a banda de Angola, comandada pelo capitão Silva Carvalho, foram em 26 de Agosto ao Mosteiro da Batalha depor um ramo de flores e fazer continência ao túmulo do Soldado Desconhecido. Na ocasião o 1.º cabo indígena João de Deus produziu uma alocução.

de coadjuvantes prestáveis, destes que se encarregaram e desempenharam dos mais variados serviços, utilizando os seus bons préstimos: Cláudio Mourão, João de Sousa e Romualdo Tôres, antigo

**ULTRAMAR** vende-se no recinto da Exposição na Livraria da Sr.ª D. Alice Lago.



PALÁCIO DAS COLÓNIAS — Na Nave Central, aspecto geral da demonstração oficial



Dr.ª D. Zulmira dos Santos Pereira, médica, e D. Helena Guimarães, enfermeira-chefe e directora do posto sanitário da Exposição, duas dedicatíssimas colaboradoras na assistência a indígenas e a europeus

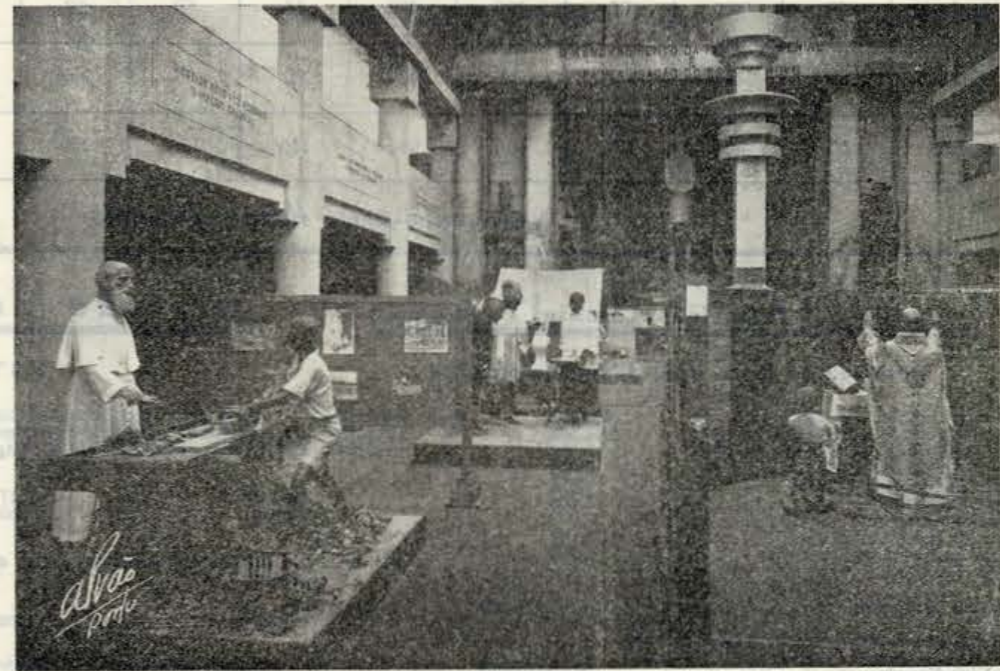
boa conduta do público, seja dito, que se tem portado, por forma irrepreensível — mas também devido à cordura e boa compreensão do exercício das funções do pessoal do chefe César.

Quem conheceu o decrépito Palácio e verifica hoje a sua camuflagem, apercebe-se do trabalho colos-



mesmo de entrarem em função operários e decoradores, já este posto está em eficiência. Nunca mais pára e é sempre o último a ser dispensado, com a responsabilidade das devoluções.

Outro serviço delicado é o do expediente com os expositores, de que foi encarregado Morais Sarmiento, já experimentado nas Feiras de Amostras Coloniais. Circulares, fichas, marcação de terrenos, arquivo, recibos de taxas e registos, trabalho contínuo sujeito a prazos



PALÁCIO DAS COLÓNIAS — Grupo das missões religiosas (secção oficial)

## Estatística de bebidas entradas pelo pôsto de despacho de 15 de Junho a 20 de Agosto

DESIGNAÇÃO	Restaurante	Pavilhões	Visitantes	Diversos	Total	Receita aproximada
Vinho Verde em barris e garrafas — Litros	7.236	—	3.176	2.558	12.970	5.188\$00
Vinho Verde em garrafas	4.513	—	—	30.404	34.917	13.966\$80
Vinho Verde 1/2 garrafas	4.165	—	—	2.219	6.384	1.276\$80
Vinho Maduro em barris e garrafas — Litros	—	—	415	1.236	1.651	825\$50
Vinho Maduro em garrafas	4.047	—	—	5.655	9.702	4.851\$00
Vinho Maduro 1/2 garrafas	3.580	—	—	990	4.570	1.142\$50
Vinho do Pôrto em garrafas	938	—	—	2.655	3.593	7.186\$00
Vinho do Pôrto 1/2 garrafas	—	—	—	42	42	42\$00
Vinho do Pôrto 1/4 garrafas	—	—	—	224	224	112\$00
Vinho do Pôrto 1/8 garrafas	—	—	—	7.198	7.198	3.599\$00
Vinho Madeira em garrafas	42	—	—	—	42	84\$00
Vinho Espumoso em garrafas	624	—	—	470	1.094	2.188\$00
Vinho Espumoso 1/2 garrafas	144	—	—	479	623	623\$00
Cerveja em barris — Litros	—	—	—	6.101	6.101	4.270\$70
Cerveja em garrafas	2.388	360	—	1.540	4.288	1.286\$40
Cerveja 1/2 garrafas	7.824	10.800	—	60.544	79.168	15.933\$60
Cerveja em garrafas (Estrangeira)	192	—	—	—	192	288\$00
Refrigerantes	8.914	12.000	—	70.725	91.639	18.327\$80
Sifões	—	6	—	72	78	15\$00
Águas Minerais em garrafas — Litros	300	—	—	1.265	1.565	313\$00
Águas Minerais em garrafas	2.252	—	—	1.370	3.622	1.448\$80
Águas Minerais 1/2 garrafas	869	—	—	210	1.079	215\$80
Águas Minerais 1/4 garrafas	7.465	—	—	18.140	25.605	2.560\$50
Ponche em garrafas	—	—	—	76	76	228\$00
Ponche 1/2 garrafas	—	—	—	42	42	63\$00
Ponche 1/4 garrafas	—	—	—	900	900	450\$00
Xaropes em garrafas	96	—	—	516	612	1.530\$00
Licores em garrafas	36	—	—	48	84	252\$00
Licores em garrafas (Estrangeiros)	15	—	—	1	16	160\$00
Whisky em garrafas	18	—	—	7	25	375\$00
Cognac, Aguardente e Vermouth em garrafas	74	—	—	26	100	300\$00
Vermouth em garrafas (Estrangeiro)	2	—	—	8	10	100\$00
Aguardente de Cana	—	—	—	7	7	70\$00
Refresco de Ananás — Litros	—	—	—	355	355	532\$50
Tops	—	—	—	15.890	15.890	1.589\$00
<b>Total</b>	<b>55.734</b>	<b>23.166</b>	<b>3.591</b>	<b>231.973</b>	<b>314.464</b>	<b>91.394\$30</b>

## I Exposição Colonial Portuguesa

### MOVIMENTO DO PÔSTO SANITARIO

MESES	INDIGENAS			PESSOAL DA EXPOSIÇÃO			VISITANTES			TOTAL		
	Consultas	Curativos	Injecções	Consultas	Curativos	Injecções	Consultas	Curativos	Injecções	Consultas	Curativos	Injecções
Maio	28	194	1	58	58	—	—	—	—	86	252	1
Junho	48	490	82	106	473	16	69	69	1	223	1:032	99
Julho	58	477	146	48	679	90	35	235	9	141	1:391	245
Agosto	55	458	194	156	917	115	188	209	2	399	1:858	311

A Enfermeira-Chefe *Helena Guimarães*

### Visitantes à I Exposição Colonial Portuguesa

Desde 15 de Junho a 20 de Agosto de 1934

Com bilhete de Esc. 5\$00, 2\$50 e 1\$50	630.301	Esc. 1.900.519\$50
Com bilhete com 50 % de desconto s/ 5\$00	44.539	> 110.347\$50
Com bilhete com 20 % de desconto s/ 2\$50	7.368	> 15.736\$00
Alunos com entrada grátis	9.003	
Professores com entrada grátis	555	
Grande Parada Regional	15.000	
Excursões de Vigo (a)	23.000	
Parada das colectividades	23.000	
Grande excursão Nacional	2.136	5.340\$00
Excursões da Corunha (b)		

**Total em Visitantes** . . . . . 731.902

Nesta verba falta incluir as rubricas (a) e (b).

**Total em Escudos** . . . . . 2.030.943\$00

Nesta verba falta incluir a importância das rubricas (a) e (b).

### Divisão de Informações

#### ESTATÍSTICA

Informações sobre assuntos económicos, geográficos, financeiros e climáticos das Colónias portuguesas até 20 de Agosto:

Por escrito . . . . . 117  
Verbais . . . . . 360

Informações noticiosas para a imprensa:

Periódica . . . . . 108

Organização de elementos redactoriais:

Para a imprensa . . . . . 10

Publicações (Obras):

Redacção e edição	4	(a)
Edição e revisão	8	(a)
Anotação, edição e revisão	1	(b)
Organização estatística, edição e revisão	1	(b)
Conferências promovidas	4	
Festas indígenas promovidas	3	

(a) Algumas na tipografia.  
(b) Na tipografia.

**ESTE NÚMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA**





## ACOMPANHANDO OS PROGRESSOS DO IMPÉRIO



Companhia do Açúcar  
de Angola.  
Engenho da Fábrica  
do Dombre Grande

## AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA COLONIAL

As mais importantes organizações industriais, agrícolas e comerciais da África Ocidental Portuguesa, incluindo os serviços oficiais das diversas Colónias, confiam nas vantagens oferecidas pelos Produtos Vacuum que são conhecidos nesta parte do Império há mais de 20 anos.

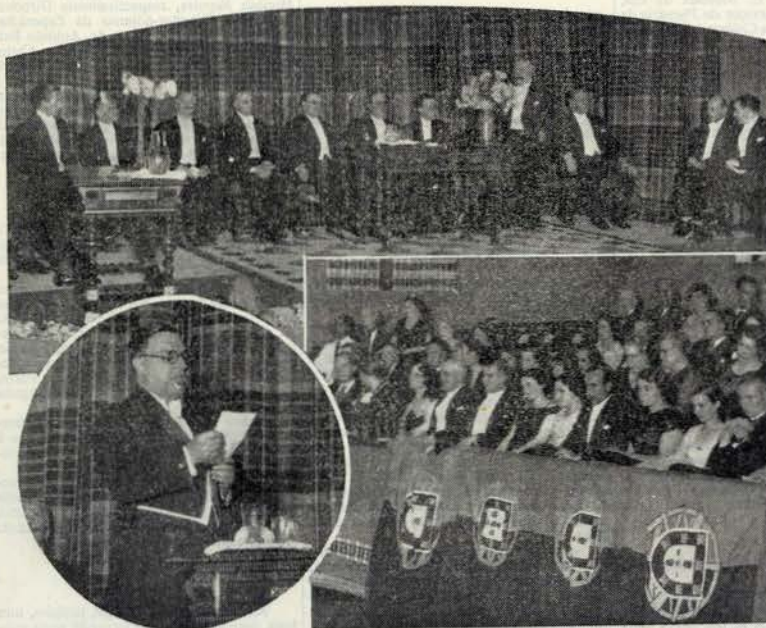
Assim, nesta grande região do Continente africano, o prestígio grangeado pelos Produtos Vacuum é igual ao que eles alcançaram no resto do mundo.

## ONDE HA PROGRESSO HA PRODUTOS VACUUM

1352



VACUUM OIL COMPANY, INC.



### O 1.º Congresso de Agricultura Colonial

Documentário fotográfico da sessão solene inaugural que, com elevado brilho, se efectuou na noite de 27 de Agosto no teatro da Exposição. EM CIMA — As personalidades que ocuparam lugares de honra, verdade ao centro os srs. Sub-Secretário de Estado das Colónias e Ministro da Agricultura, na presidência, e o sr. de Lemos Ferreira, presidente da Comissão Organizadora do Congresso, pronunciando o seu discurso de abertura. NO DISCO — O sr. dr. Francisco Vieira Machado lendo a sua allocução. AO LADO — A assistência, no balcão do teatro.

Foi distribuída pelos visitantes uma *plquette* de homenagem a Salvador Corréa de Sá e Benevides, editada pela Exposição Colonial Portuguesa.

### As edições da Exposição Colonial Portuguesa

Editada pela I Exposição Colonial Portuguesa, vai ser publicada a «História Trágico-Marítima», reputada obra clássica, compilada por Bernardo Gomes de Brito.

A edição será feita em fascículos, contendo uma relação cada e estará concluída nos fins do mês de Setembro.

Na Divisão de Informações da Exposição encontra-se aberta a assinatura para a aquisição da obra, cujo preço é: obra completa, 30\$00; cada fascículo, 3\$00.

O pagamento da assinatura da obra completa deverá ser feito no acto da inscrição, e dos fascículos será contra entrega.

No caso da distribuição ser feita pelo correio, acrescem ao preço da obra os encargos dos portes postais.

### Bandeiras históricas

Foram, expostas, no Salão do Arquivo Militar Colonial, no Palácio das Colónias, três bandeiras históricas, sendo uma de Massangano, outra de Vila do Dondo, e a outra de Benguela.

As três lindas bandeiras, que são antigas, tendo cada uma os seus braços, tem sido muito apreciadas.

### A comemoração do «Dia de Ceuta»

Em 21 de Agosto a Direcção da Exposição comemorou o 519.º aniversário da Tomada de Ceuta.

Na praça Infante D. Henrique, diante da tropa de África, contingentes da Marinha, individualidades em destaque, pessoal superior da Exposição e de muitos populares, foi o sr. capitão Henrique Galvão depor junto ao Monumento um ramo de flores.

A noite, o sr. dr. Manuel Murias, director do Arquivo Histórico Colonial, proferiu no recinto da Exposição, pelo pódo da Rádio, uma brilhante conferência sobre Ceuta.

### A Grande Parada de Bombeiros de 9 de Setembro

Tudo se conjuga para que a Grande Parada de Bombeiros a efectuar, nesta cidade, a 9 do corrente, sob o patrocínio da I Exposição Colonial Portuguesa atinja extraordinário brilho.

Estão inscritas cerca de 100 corporações de bombeiros de todo o País, que se fazem acompanhar das suas viaturas, devendo comparecer cerca de 1,500 soldados da Paz.

E, no género a primeira manifestação que se faz no País.

### O 1.º Congresso de Agricultura Colonial

Entre as várias «etapas» felizes e lúdas márcadas durante o funcionamento da Exposição Colonial, o 1.º Congresso de Agricultura Colonial destaca-se como uma manifestação, a todos os títulos, notável de aspecto cultural e de elevado interesse para a defesa e a expansão do problema agrário ultramarino.

Nesse Certame reuniram-se os mais altos valores da agronomia e agricultura nacionais, que apresentaram nas suas sessões de trabalhos, efectuadas no Palácio da Bólsa, importantes e valiosas teses abordando problemas de oportunidade e esclarecidos com conclusões de máximo interesse.

Na sessão inaugural, que foi revestida de imponente, discursaram os srs. Sub-Secretário de Estado das Colónias, ministro da Agricultura, capitão Henrique Galvão, conde de Penha Garcia, dr. Lemos Ferreira e o engenheiro sr. Trigo de Moraes, que produziu uma brilhante conferência sobre a importância dum política hidráulica e colonização de Moçambique.

As Direcções da Liga Agrária do Norte e da Associação Central de Agricultura, que na Comissão Organizadora da Exposição encontraram todo o apoio e franca colaboração, são dignas de todo o elogio pelo esforço dispendido para tão brilhante êxito alcançado.

### Baile em Vila do Conde

Nos salões do Casino de Vila do Conde realizou-se em 25 de Agosto um lúido e elegante baile de homenagem à Exposição Colonial.

**ULTRAMAR** tem como Representante em Lisboa, o sr. João Santos, na Avenida Elias Garcia, 77-1.º.